
CICLO DE CINEMA

13 ABR 17:00



LUIS GARCÍA BERLANGA

Retrospectiva

A BOUTIQUE

SERRAVES

SESSÃO 6

13 ABR | 17:00

LAS PIRAÑAS | A BOUTIQUE

Luis García Berlanga | ARG, ESP | 1967 | 98'

Realização: Luis García Berlanga

Produção: Cesáreo González e Atilio Mentasti

Argumento: Luis García Berlanga e Rafael Azcona

Direção de fotografia: Américo Hoss

Montagem: Jorge Gárate e José Luis Matesanz

Música: Astor Piazzolla

Direção de som: Mario Fezia e Miguel Babuini

Direção de arte: María Julia Bertotto e Jorge Sarudiansky

Guarda-roupa: Sebastian Canovas

Interpretação: Sonia Bruno (Carmen), Rodolfo Bebán (Ricardo), Ana María Campoy (Luisa Fuentes), Osvaldo Miranda (Jose Martinez), Marilina Ross (Piti), Juan Carlos Altavista (Mariano), Javier Portales (Rafael Gardel), Dorys del Valle (Cristina), Lautaro Murúa (Carlos) e Luis García Berlanga (espectador no cinema, não-creditado).

Produção: Argentina Sono Film S.A.C.I. e Cesáreo González Producciones Cinematográficas

Cópia: preto e branco, a exhibir em formato DCP

Duração: 98 minutos

Ano: 1967

País: Argentina / Espanha

A BOUTIQUE

Não deixa de ser irónico que *La Boutique* (*A Boutique*, 1967), por vezes intitulado *Las pirañas* (o título original do seu argumento), que se conta entre os mais obscuros, mais malditos e, sobretudo, menos conhecidos filmes de Luis García Berlanga, tenha sido feito fora de Espanha, apesar desse facto não lhe ter trazido nenhum tipo de liberdade acrescida. O rescaldo de *El Verdugo* (*O Carrasco*, 1963) significou um ostracismo quase total do cineasta no seu país, tendo em conta o ataque que esse filme dirigiu ao Franquismo.

Foram precisos cerca de quatro anos para que Berlanga conseguisse arrancar com uma nova produção, apenas possível graças ao apoio do produtor argentino Atilio Mentasti que, entre outros fatores, fez com que toda a produção (e o filme) se relocassem, ainda que em coprodução, na Argentina.

Esta mudança de ares, deixando para trás uma Espanha fascista e redolente, não significou um ambiente de liberdade para Berlanga. Em junho de 1966, o presidente Arturo Illia era deposto por um golpe de estado, entretanto designado por “Revolução Argentina”, dando início à instauração de uma ditadura militar. Sete anos depois, e sem quaisquer mudanças significativas, voltaria finalmente a haver eleições presidenciais, em 1973, que resultaram na vitória do peronista Héctor Campora.

Berlanga viu-se, assim, novamente num contexto de privação de liberdade, no que facilmente se consideraria uma ironia cruel do seu destino. Apesar disso e de muito mais, *A Boutique* é um filme crivado de humor corrosivo, que confirma a

predileção do realizador pela burguesia e respetivos vícios, aqui já quase todos da ordem do consumismo.

Filmada em Buenos Aires, esta história, com argumento da autoria de Berlanga e de Rafael Azcona, retrata o casamento monótono e sem graça de Ricardo (Rodolfo Bebán), empresário e sócio de uma empresa de construção naval, com a sua jovem e bonita mulher Carmen (Sonia Bruno). Ricardo divide o seu tempo entre corridas de automóveis e um caso extraconjugal. O aborrecimento latente de Carmen, sozinha ou com Ricardo, assim como o aborrecimento de Ricardo, nas suas outras atividades, que lhe provocam um cansaço indistigável, são, porém, sintomas de algo mais profundo.

É então que Luisa (Ana María Campoy), a mãe de Carmen, decide intervir, pressentindo o que realmente se está a passar. Assim, engendra um plano para ajudar o casamento da filha: diz a Ricardo que Carmen sofre de uma doença incurável em fase terminal, pelo que é seu dever, como marido, “adoçar” os seus últimos meses de vida, dando-lhe atenção, mimando-a, obedecendo a todos os seus caprichos e fazendo-a o mais feliz possível.

Este raspão da morte, leva Ricardo a mudar de atitude em relação a Carmen que, desconhecendo o plano da mãe, não se coíbe de aceitar a estranha e súbita atenção que o marido lhe concede. O tédio do seu casamento dá rapidamente lugar a demonstrações excessivas de amor por parte de Ricardo, que vão desde os mais pequenos gestos de carinho até ao oneroso empreendimento de abrir uma boutique, passando ainda, por exemplo, por uma inusitada mamoplastia de aumento para Carmen. O grande problema desta

situação absurda vem com a boutique que dá o título ao filme, sonho que Carmen há muito alimentava. No entanto, e apesar dos maiores esforços de Ricardo, não tardam a aparecer dívidas, pagamentos em disputa e outros problemas financeiros, e depressa a própria Carmen se torna também um problema emocional, sobretudo quando entra num perigoso flirt com o decorador da boutique, um homem que tem aparentemente tudo o que falta a Ricardo. Este estado de coisas dá origem a uma série de motivos tão cómicos quanto azedos sobre ciúme, obsessão, conjugalidade e dinheiro, que não pode desaguar senão na arquitetura de um crime perfeito. Um crime que, como não podia deixar de ser – e disso nos informa toda a história do cinema (e muito especialmente a obra de Berlanga) –, nunca é perfeito.

A Boutique é, assim, uma comédia negra com direito a apontamentos de sarcasmo e de ironia, mas de forma mais comedida do que é habitual em Berlanga. Há, no entanto, um aspeto que, pela primeira vez, *A Boutique* aprofunda relativamente à filmografia anterior de Berlanga: o exame minucioso dos rituais matrimoniais da pequeno-burguesa, sobretudo na sua debilidade imatura, como de certo modo já se via em *Esa pareja feliz* (*Esse Casal Feliz*, 1951).

Tal como o casamento retratado no filme, também o seu processo de produção esteve muito longe da perfeição, tendo sofrido vários acidentes de percurso, a começar pelo título, imposto pelo produtor espanhol Cesáreo González, e a acabar na exigência de que o elenco fosse argentino, assim contrariando a vontade do realizador e impossibilitando a participação de José Luis López Vázquez no papel do protagonista.

Apesar destas contrariedades, *A Boutique* apresenta-se, hoje, como um filme perfeitamente coerente na filmografia de Berlanga, tendo até iniciado uma espécie de trilogia, que teria seguimento nos filmes *¡Vivan los novios!* (*Vivam os Noivos!*, 1970) e *Grandeur Nature* (*Tamanho Natural*, 1974), uma tríade que tem no casamento e respetivas convenções o seu alvo preferencial.

Pedro Crispim

PRÓXIMAS SESSÕES

27 ABR | DOM | 17:00

¡VIVAN LOS NOVIOS! | VIVAM OS NOIVOS!

Luis García Berlanga | ESP | 1970 | 83'

4 MAI | DOM | 17:00

LA ESCOPETA NACIONAL | A ESPINGARDA NACIONAL

Luis García Berlanga | ESP | 1978 | 95'

UM FILME FALADO
OLIVEIRA E A HISTÓRIA DO CINEMA

3 MAI | SÁB | 17:00

ALL THAT HEAVEN ALLOWS | O QUE O CÉU PERMITE

Douglas Sirk | USA | 1955 | 89'

Convidados: Pedro Duarte, professor de filosofia, e Vítor Constâncio, economista

MODOS DE REVER
O CINEMA E O IMAGINÁRIO DO MUSEU

10 MAI | SÁB | 17:00

MUSEUM HOURS | AS HORAS DO MUSEU

Jem Cohen | USA, AUT | 2012 | 107'

Convidados: José Bértolo, escritor e investigador, e Clara Rowland, escritora e professora de literatura

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150—417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

